



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

v.5 - n.10 - Janeiro - Junho 2010

Semestral

Artigo:

LEITURA COMO FATOR DECISIVO PARA REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA INTELECTUAL

Autora:

Maria Cristina Antunes¹

¹ Pedagoga. Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia/IDEAU. Capela Santo Antônio. Interior. Sertão/RS. CEP: 99170-000. E-mail: mkriz@bol.com.br.

LEITURA COMO FATOR DECISIVO PARA REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA INTELECTUAL

“A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

(FREIRE, 1999)

Resumo: Distribuído em três capítulos, este artigo procura demonstrar a importância que a leitura tem na vida das pessoas para que possam alcançar a autonomia intelectual, podendo ser cidadãos mais críticos e atuantes nesta sociedade em que cada vez mais exige indivíduos capacitados e atualizados para o mercado de trabalho. Pois sabe-se que a leitura permite o desenvolvimento da autonomia humana, da percepção crítica, interpretação, compreensão, construção e reconstrução, além de proporcionar um vocabulário mais rico, melhorando a escrita e a dicção ao falar. Tendo em vista as dificuldades que se tem nas escolas em desenvolver o processo da leitura o terceiro capítulo tem a preocupação de explicar qual é o papel da psicopedagogia na educação.

Palavras-chave: Leitura. Autonomia intelectual. Educação. Escola. Psicopedagogia.

Abstract: Distributed in three chapters this article tries to demonstrate the importance that reading has in people's lives in order to make them reach the intellectual autonomy and ability to be more critical and present citizens in this society, which demands individuals who are more and more capable and up-to-date for the work market. It's known that reading allows the development of human autonomy, critical perception, interpretation, comprehension, construction and reconstruction, besides providing a richer vocabulary and improving writing and diction when speaking. Analyzing the difficulties to develop the reading process in schools, the third chapter was developed to explain which the role of psychopedagogy in education is.

Key words: Reading. Intellectual autonomy. Education. School. Psychopedagogy.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um mundo em que cada vez mais exige a cobrança e a exemplar eficiência, a leitura ainda é, sem dúvida, um dos melhores meios de aquisição de conhecimento. Mesmo com a popularização do Cinema, Rádio, Televisão e Internet não há registros de uma acentuada redução de material impresso no Brasil.

Para se falar em leitura, deve-se primeiro, entender e saber qual a origem desta palavra. Portanto, a palavra ler vem do latim *legere*, que significa ao mesmo tempo ler e colher, ou seja, a arte de colher ideias, no entanto, para colher ideias de uma forma

eficiente é preciso não saber apenas o que está escrito no papel, é necessário saber compreender, interpretar e ter cuidados ao realizar uma leitura. Partindo deste pequeno conceito, a leitura será explorada no decorrer deste trabalho, em diferentes aspectos.

Percebendo o valor que a leitura tem, entende-se que os educadores deveriam utilizar-se mais da leitura nas escolas, pois ao se depararem com o mundo fora da escola, irão enxergar a importância que ela tem, para se viver na sociedade sendo um cidadão mais dignamente. A leitura deve ser entendida como uma possibilidade da criança compreender o meio em que vive.

Em diferentes pesquisas já realizadas, constatou-se que a leitura permite o desenvolvimento da autonomia humana, da percepção crítica, interpretação, compreensão, construção e reconstrução, além de proporcionar um vocabulário mais rico melhorando a escrita e a sua dicção ao falar.

Pode-se demonstrar que a psicopedagogia tem papel relevante, na construção da aprendizagem, trabalhando com as dificuldades que partem dela e tentando amenizá-las. A mesma também tem função importante no processo da leitura, bem como no seu desenvolvimento. Trabalha com algumas dificuldades relacionadas a ela, a mais comum e que envolve a leitura é a dislexia.

Busca-se, demonstrar que ao fazer uso da leitura, as pessoas passam a valorizar mais a qualidade de existência, pois ela será usada com certeza em qualquer momento da vida do ser humano. E os educadores deveriam priorizar e incentivar o hábito da leitura nas escolas.

2 LEITURA E EDUCAÇÃO

O ser humano em todas as fases de sua vida está sempre descobrindo e aprendendo coisas novas, através do contato com outras pessoas e das experiências do meio em que vive.

Ao ato de troca, de busca, de interação, de apropriação é que damos o nome de educação. Esta não se concretiza sozinha, é preciso ação conjunta entre as pessoas que cooperam, comunicam-se e partilham do mesmo saber. Portanto, educar não é um ato

ingênuo, neutro, indefinido e imprevisível, mas um ato histórico (tempo), cultural (valores), social (relação), psicológico (inteligente), afetivo e existencial (concreto) e acima de tudo, político, pois numa sociedade de classes não há ações neutras indefinidas.

Sabendo da responsabilidade que a educação exerce, parte-se para a contribuição que ela tem no processo da leitura.

A leitura ocorre sem dúvida em um ambiente social. Acredita-se, que a criança que vive com uma família a qual lê frequentemente, certamente irá espelhar-se na mesma, criando o hábito pela leitura mesmo antes de ingressar na vida escolar. De acordo com Freire (1999), em sua obra *A Importância do Ato de Ler*, a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Portanto, perceber-se que o meio em que estão inseridas influencia inteiramente na formação do ser humano, pois antes mesmo de começarem a decifrar as palavras, aprendem a fazer a leitura visual que acontece a todo o momento. Por exemplo, as crianças assistem à televisão onde passa nomes de produtos famosos, elas veem as embalagens e escutam o nome, assim, no momento em que escutarem ou verem o produto novamente em algum local irão identificar o produto, mesmo não sabendo ler, isto se chama “leitura de mundo”. Desta forma, os alunos aprendem a fazer a leitura do mundo antes mesmo da leitura da palavra, e só aprendem a fazê-la se o texto estiver interligado com o contexto em que elas vivem, chamando sua atenção. Aprender a ler implica em compreender e assimilar o vocabulário da leitura no qual se guardam os conhecimentos.

Discorrendo sobre a importância do ato de ler, a realidade e a palavra, Freire (1999) enfatiza que a leitura não deve ser apenas um processo mecânico de repetição das palavras, mas da compreensão destas e do contexto que envolve. Para ele, o aprendizado da leitura está presente em todas as fases da vida, iniciando-se na infância, quando se tem a primeira percepção de mundo e segue através da leitura da palavra propriamente dita. Afirma o autor que “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (1999, p.11).

A leitura é muito mais importante que saber escrever, portanto ela deveria ser adotada nas escolas como a principal atividade a ser desenvolvida para uma melhor formação dos alunos. Ela é uma extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do

que se deve aprender na vida deverá ser conseguida através da leitura fora da escola, ela é uma herança maior do que qualquer diploma. Sabe-se que a maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até o ensino superior, é decorrente das dificuldades de leitura.

Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para manter e se desenvolver. Ela é um dos meios para as pessoas pesquisarem sobre diferentes assuntos de sua importância. Se a leitura faz com que as pessoas sejam pesquisadoras, auxiliando na formação de cidadãos críticos e atuantes perante a sociedade, ela contribui para a realização da autonomia intelectual, que é tão almejada pelo ser humano da atualidade.

O leitor, no período escolar, pode ser apenas um aprendiz, se não tomar gosto pela leitura nunca ganhará autonomia e perderá a oportunidade de ser transformado pelo hábito e pelo prazer que a leitura proporciona. A palavra escrita é a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. A grandeza do texto consiste em dar-nos a possibilidade de refletir e interpretar a nossa sociedade, o mundo em que vivemos. O livro é o principal ponto de partida para o desenvolvimento da leitura.

A leitura provoca a necessidade da compreensão e da interação com o mundo, enriquecendo as próprias ideias e experiências intelectuais. O indivíduo que lê contribui para o seu enriquecimento pessoal. O gosto pela leitura deve ser iniciado na sala de aula, com uso de diversos materiais que contribuem para se tornarem bons leitores. Os educadores têm papel fundamental neste despertar pela leitura, pois uma sala de aula onde os alunos são incentivados, motivados, elogiados e tem a presença de um professor leitor diante deles todos os dias, com certeza terão vontade de ler, bons livros, revistas, histórias em quadrinhos, jornal etc., se tornando leitores fluentes.

Conseqüentemente, o hábito pela leitura traz muitos benefícios para as pessoas, tanto em seu cotidiano escolar, particular e profissional, pois aumenta a capacidade de questionamento, fazendo com que o aluno saiba identificar com maior facilidade as fontes de informação e conhecimento, e manuseá-los de maneira adequada e entre outros benefícios que ela ocasiona.

3 LEITURA: O PRIMEIRO PASSO PARA ALCANÇAR A AUTONOMIA INTELECTUAL

Certamente, um sujeito autônomo na sociedade terá maiores chances se estabelecendo da melhor maneira, pois é pesquisador, busca estar sempre em contato com o novo e para que isso ocorra deve ser um leitor frequente, lendo de tudo um pouco, livros específicos, revistas, jornais, histórias em quadrinhos, romances entre outros.

A autonomia é condição de alguém se auto determinar. Isto não implica, evidentemente, na exclusão do ambiente físico e sócio-cultural. Significa, apenas, que o indivíduo adquiriu a capacidade de tomar iniciativas para alcançar o objeto do pensar. Neste horizonte, a autonomia se opõe a qualquer tipo de dependência ou subalternidade. Há vários tipos de autonomia: psicológica, profissional, política, intelectual etc. Em qualquer destes níveis, a construção da autonomia é uma trajetória em que se vai avançando paulatinamente e seu usufruto se dá através de formas diferentes de capital, inclusive através do capital cultural e simbólico (BOURDIEU; PASSERON, 1970).

A construção da autonomia integra o campo do processo de auto valorização individual e representa uma luta permanente contra os limites circunstanciais no fortalecimento das potencialidades humanas. A autonomia intelectual não deve ser confundida com individualismo embrutecedor. Na verdade, quando a LDB fala no desenvolvimento da autonomia intelectual do aluno sinaliza para o horizonte de uma autonomia criativa com envergadura social e comunitária. Trata-se, portanto, de adquirir capacidade de formular julgamentos mais objetivos, através de habilidades cognitivas de ordem superior: pensar crítico/pensar criativo (LIPMAN, 1995). Referida a cada disciplina, a autonomia intelectual implica na mudança completa da posição do aluno que, de objeto receptor, domesticado e repetidor, ganha a centralidade da construção da aprendizagem através do desenvolvimento de habilidades conducentes a reconstrução do saber, qualquer que seja a sua organização: áreas, disciplinas, núcleos temáticos, situações, problemas em nossos contextos informais. O sujeito do conhecimento, o aluno, deve ser autônomo para construir o seu pensar. O que ocorre é que cada disciplina tem uma estrutura interna. A mediação do professor destina-se precisamente a facilitar os processos de assimilação/apropriação dos saberes. Neste sentido, a dicotomia

conteúdo/método é trabalhada na perspectiva da busca da unidade. A escola informa e propicia a sistematização do esquema de estudo do aluno. Portanto, a autonomia, assim como a leitura deve ser induzida na vida escolar, para que na vida adulta, possa ser tida como um “hobbie” e não como uma obrigação sem prazer.

A autonomia intelectual do aluno, assim compreendida, explica-se por um conjunto de situações suscetíveis de posicionamento crítico e de fecundação de diálogo nos campos de objetividade do conhecimento e da historicidade de sua produção. Um documento destas situações incluirá, no mínimo, os seguintes procedimentos:

- a. capacidade de construir, progressivamente, um vocabulário amplo;
- b. capacidade de abstração;
- c. capacidade de análise e comparação de ideias;
- d. capacidade de selecionar e interpretar ideias e opiniões;
- e. capacidade de detectar semelhanças e diferenças em contextos propostos;
- f. capacidade de potencializar explicações e sistematizá-las;
- g. capacidade de converter o saber da sociedade em saber escolar e vice-versa;
- h. capacidade de consolidar conhecimentos adquiridos e de multiplicar os seus usos;
- i. capacidade de articular propostas;
- j. capacidade de estabelecer ligações entre conteúdos a partir da identificação da especificidade de cada um deles.

Todas estas diferentes capacidades e tantas outras possíveis ganham relevância na escola à medida que são veículos de construção de uma aprendizagem significativa. Em síntese, a autonomia intelectual vai-se incorporando na capacidade crescente de análise de concepção e de aplicação dos elementos conceptivos. O ser humano atingindo estas capacidades será um sujeito autônomo, perante a sociedade.

A autonomia intelectual é a capacidade de enfrentar a busca de conhecimento de um assunto, tema, disciplina, corpo de conhecimento, ou qualquer outro nome que se dê a algum algoritmo cognitivo, sabendo orientar-se dentro de uma lógica coerente. É importante ressaltar que a autonomia intelectual é uma competência eminentemente individual, altamente personalizada, que cresce em escala indefinida.

Para o comum da nossa cultura, o instrumento fundamental de trabalho, nessa busca, é a leitura.

Procurar-se-á justificar melhor o papel da leitura na autonomia intelectual.

Primeiro é preciso entender que o ato de ler é um habilidade. Sendo que a habilidade, só pode ser conseguida com muita prática e com muita repetição. A importância da habilidade reside no fato de que ela reduz drasticamente a exigência da atenção na sua execução. Quando está aprendendo a ler, a criança sua frio para conseguir ler as sílabas de uma palavra. Isto depois será feito automaticamente, se ele conseguir elevado nível de desenvoltura.

A leitura, porém, tem mais de uma habilidade, a de decodificar as letras para os seus sons correspondentes, arrumá-los na direção da palavra e de seu significado, articular as sintáticas e semânticas. Como veem, é uma atividade altamente complexa, que se torna fácil em função da quantidade de vezes que você a executa.

Na verdade, a ideia de autonomia intelectual está visceralmente ligada à concepção do aprender a aprender, do aprender continuamente, da construção permanente do conhecimento e da educação de sujeitos emancipados sob o ponto de vista da capacidade de pensar, e a leitura literalmente faz parte desta construção.

4 A PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DA LEITURA

Toma-se como base que a Psicopedagogia tem como objeto de estudo o aprender, preocupando-se no seu surgimento com as questões relacionadas aos déficits de aprendizagem, torna-se um suporte rico de contribuição neste trabalho. A preocupação principal da Psicopedagogia é o aprendizado do ser humano, integrando o cognitivo e o afetivo para realizar o processo como um todo. Para fazer uma junção do nome propriamente dito, terá: “Pedagogia” que se preocupa mais com o conhecimento cognitivo e intelectual; e a “Psicologia” que está voltada para a busca do bem estar do indivíduo. Então se tem a psicopedagogia que relaciona a capacidade do aluno de se sentir competente no seu aprendizado, relacionando-o com prazer.

A Psicopedagogia dos conteúdos na sala de aula revoluciona a inter-relação professor/aluno. Se de um lado o aluno é visto de um modo integrativo e participa da construção do conhecimento, de outro é indispensável uma transformação na postura do professor. É importante que o educador tenha os cuidados necessários para permitir que

a autonomia do educando avance sem que ele, educador se sinta ameaçado e não exija mais que o aluno pode dar. Ao facilitar e organizar o processo produtivo de aprendizagem o educador deve assegurar a todos a prática e vivência, a possibilidade de observar e construir o conhecimento.

O trabalho psicopedagógico atua não só no interior do aluno ao sensibilizar para construção do conhecimento, levando em consideração os desejos do aluno, mas requer também uma transformação interna do professor. Para que o professor se torne um elemento facilitador que leve o educando ao desenvolvimento da auto percepção, percepção do mundo e do outro, integrando as três dimensões, deve estar aberto e atento para lidar com questões referentes ao respeito mútuo, relações de poder, limites e autoridade.

Observam-se alguns conceitos de Psicopedagogia, dados por diferentes autores, mas que na sua essência se complementam.

Para Kiguel "o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos – bem como a influência de meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento" (1991, p.24).

De acordo com Neves,

a psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos (1991, p.12).

Complementando, Kiguel diz que, "historicamente a Psicopedagogia surgiu na fronteira entre a Pedagogia e Psicologia, a partir das necessidades de atendimentos de crianças com ‘distúrbios de aprendizagens’, consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional" (1991, p.22).

Segundo Scoz, "a psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os" (1994, p.2).

Já para Golbert,

[...] o objeto de estudo da Psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera o objeto de estudo da Psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento enquanto educável. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da psicopedagogia a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem (1985, p. 13).

Do ponto de vista de Weiss, "a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores" (1991, p.6).

Essas considerações sugerem que há certo consenso quanto ao fato de que ela deve ocupar-se em estudar a aprendizagem humana, porém é uma ilusão pensar que tal consenso nos conduza, a todos, a um único caminho. A concepção de aprendizagem é resultado de uma visão de homem, e é em razão desta que acontece a práxis psicopedagógica. Dos profissionais brasileiros supracitados, pudemos verificar que o tema aprendizagem ocupa-os e preocupa-os, sendo os problemas desse processo (de aprendizagem) a causa e a razão da Psicopedagogia. Pode-se observar esse pensamento traduzido nas palavras de profissionais argentinos como Alicia Fernandez, Sara Paín, Jorge Visca, Marina Müller etc., que atuam na área e estão envolvidos no trabalho teórico. Para eles, "a aprendizagem com seus problemas" constitui-se no pilar-base da Psicopedagogia.

Ao psicopedagogo cabe saber como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende. É preciso, também, que o psicopedagogo saiba o que é ensinar e o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar.

O conceito de problemas ou atrasos na aprendizagem é muito amplo e seu significado abrangeria qualquer dificuldade observável enfrentada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma faixa etária, seja qual for o fator determinante desse atraso. Certamente, a população assim é de uma grande heterogeneidade, não sendo simples encontrar critérios que delimitem com maior precisão. Os primeiros estudos na área surgiram no século XIX, das ciências médicas (neurologia, neurofisiologia e neuropsiquiatria), de modo que conceitos de anormalidade e patologia se transferiram dos hospitais para as escolas.

A psicopedagogia também tem seu conhecimento no processo da leitura, quando há dificuldades na leitura, dificuldade esta chamada de dislexia, ela contribui de forma relevante para a sua melhora.

A psicopedagogia contribui com trabalhos de ajuda e aperfeiçoamento para melhorar estas dificuldades.

A dislexia refere-se à perturbação na aprendizagem da leitura pela dificuldade no reconhecimento da correspondência entre os símbolos gráficos e os fonemas, bem como na transformação de signos escritos em signos verbais. Tem também, a aceção de dificuldade para compreender a leitura, após lesão do sistema nervoso central, apresentada por pessoa que anteriormente sabia ler.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirma-se a importância da leitura que é um fator decisivo na vida do ser humano, pois é através desta que se amplia o conhecimento, busca informações, organiza o pensamento, amplia o vocabulário e muitas vezes, viaja pelo mundo.

A escola deve oportunizar e incentivar o aluno a criar hábito de leitura para desenvolver a compreensão de textos e dimensionar seu lugar na sociedade, permitindo o desenvolvimento do pensamento crítico, para que o aluno seja capaz de decidir e exercer seus direitos e melhoria na qualidade de vida. Isso significa que a leitura não resolve os problemas sociais ou individuais, mas constitui um recurso para interagir com o real, interpretá-lo e compreendê-lo.

A leitura é exigida em todas as trajetórias de vida. Ela não é um acontecimento instantâneo que depois poderá ser descartado como inútil, e sim é algo duradouro e imprescindível para que se tenha um bom desempenho na sociedade. Deste modo, é de suma importância que os educadores tenham conhecimento de diversas leituras. Usando diferentes metodologias, despertará no aluno o interesse em ler além do mínimo necessário e compreender o que está lendo. A habilidade de ler é muito importante, por ser um veículo de comunicação universal e de informações sobre o mundo, que leva o aluno à fonte de informações científicas, literárias etc. A compreensão auxilia no desenvolvimento do educando extrair ao máximo o potencial de compreensão que o

aluno traz consigo. Nesse processo de leitura não se deve ter pressa, tem que ter muita paciência, persistência, observação e atenção à classe como um todo, nos grupos de alunos e também os individuais.

A autonomia intelectual está visceralmente ligada à concepção do aprender a aprender, do aprender continuamente, da construção permanente do conhecimento e da educação de sujeitos emancipados sob o ponto de vista da capacidade de pensar, e a leitura literalmente faz parte desta construção.

Não se pode esquecer que o gosto e o prazer de ler precisam ser cultivados. Pois os alunos, leitores se constroem por suas caminhadas na história de leituras, enquanto se formam como leitores, isto é, seres que conhecem, refletem, criam, criticam, portanto seres ativos no aprender, sujeitos do seu situar-se no mundo. E assim sendo irá refletir na melhora da sua expressão oral, escrita, ampliação do seu vocabulário e no domínio da sua ortografia. A leitura nos proporciona algo como estar em contato com outras realidades, numa permanente criação e idealização dos vários “eus”, produção fantástica que abre para uma vida mais significativa.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Lisboa, Edições 70, 1970.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GOLBERT, Clarissa S. Considerações sobre as atividades dos profissionais em Psicopedagogia na Região de Porto Alegre. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**. Ano 4, n.8, agosto de 1985.

KIGUEL, S. M. M. Normalidade x Patologia no processo de Aprendizagem: Abordagem Psicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo. v.10, 1º Semestre, 1991.

LIPMAN, Matthew. **O Pensar na Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

NEVES, M. A. Psicopedagogia: Um só termo e muitas significações. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo. v.10, 1º Semestre, 1991.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.